

Francisco Moita Flores
A Fúria das Vinhas

10.^a edição

Recortado no horizonte, sentado sobre as patas traseiras no cimo da escarpa, o lobo levantou o focinho aos céus. Soltou um uivo de mau agoiro que se dissolveu nos silvos da ventania rasgada pelas arestas afiadas dos penhascos que apertavam o Rio. Soprava de nortada, gelado e rijo, em vagas alteradas, vergando o que restava das videiras, encarquilhadas e retorcidas, roídas na alma e na seiva pela fúria da praga que ainda há pouco chegara, vinda das encostas do Peso e do Pinhão. Corria matando vinhas inteiras, transformando encostas em cemitérios de ruína a perder de vista. Ninguém sabia como chegara esta praga de morte. Ninguém sabia quando partiria, e os vinhedos, que, naquela altura do ano, deveriam ter a cor verde das margens alcantiladas do Rio, mirravam pela força desta peste que esmagava o Douro. E o céu estava escuro de nuvens prenes de água.

O lobo tornou a uivar. De súbito, uma faísca iluminou os picos da outra banda, para os lados de Carrazeda, e o estampido formidável do trovão ribombou ao longo de todo o vale. As cepas moribundas estremeceram e o lobo levantou-se, atento, orelhas arrebitadas, mas apenas o vendaval chiava pelas faldas das montanhas. Um segundo trovão explodiu grave e metálico e, por instantes, o vento parou. O lobo olhou em volta, ainda desconfiado, e aproximou-se do cadáver da rapariga que jazia seminua, braços e pernas abertos ao céu, sobre o píncaro da fraga. A blusa estava aberta, seios desnudados e pernas descobertas, enquanto a saia esvoaçava a cada rajada mais forte.

O animal abriu as narinas para melhor perceber o enorme buraco aberto no abdómen por onde regurgitava um pedaço de intestino.

Não deveria ter mais de quinze anos e os cabelos negros, longos, espalhavam-se, desordenados, pelo rochedo. Farejou a enorme mancha de sangue que encharcava a roupa da morta e se espriava, coalhado, pelo chão. Estendeu a pata direita sobre o peito do cadáver e, por duas vezes, tentou puxá-lo, rasgando-lhe a carne.

Foi então que um trovão, num estoiro infernal, calou a terra de medo, silenciando a fúria do Douro, as cepas mirradas estremeceram em estertores e a urze pulou de sobresalto. A seguir, como se uma legião de diabos corresse sobre as nuvens negras, o som desandou em tropel a caminho de Barca d'Alva.

Foi o anúncio da tempestade. A chuva chegou em cascatas. O céu abriu-se, definitivo, varrendo as serranias e, pelos socialcos das vinhas, a água engrossou, turbulenta, em direcção aos barrancos que emborcavam na ribeira das Forneiras ou, mais abaixo, na Carrapatosa. A terra desvanecia-se aos estrondos das explosões que rasgavam os céus e raios de mil miríades transformavam a paisagem numa visão do Inferno.

A água lavara o sangue do cadáver sobre a rocha e o lobo não gostou da violência da bâtega. Encolheu-se com o rabo entre as pernas. Ainda ensaiou sacudir-se num estranho bailado, agitando o corpo, mas o resultado não foi o melhor. A chuva cada vez mais feroz varreu-lhe o lombo, picou-lhe as orelhas e escorreu, abundante, pelas patas. Um par de trovões estralejou mesmo por cima do rochedo onde a fera e o cadáver se encontravam e o lobo, assustado, desistiu da refeição. Correu rápido até um mato de estevas altas que dali se avistava e desapareceu.

As nuvens desabaram brutais sobre os píncaros das serranias, o dia empalideceu em tons de cinzento-escuro como se a noite tivesse chegado pela hora do meio-dia e quem agora olhasse o cadáver desnudado da rapariga, em tons de mármore, já não veria um pingo de sangue. Fora levado pela força da tormenta.

Lá longe, nas goelas da Valeira, o Douro rugia de dor, entalado no garrote das montanhas. Os sons tonitruantes vindos dos céus e do Rio lembravam a fúria inaudita de Deus quando soltou os demónios pela Terra para castigar a venalidade dos ímpios e a devassidão dos incautos. O povo das terras quentes tinha razão. Quando o Douro se entregava assim à raiva das tempestades era sinal de que o diabo andava à solta, faminto de sangue e morte pelas cumeadas do Marão.

D. Antónia aproximou-se da janela. O rosto fechado denunciava as preocupações que a dominavam. Lá fora o vendaval dobrava as cidreiras que ladeavam a Quinta do Porto e o Douro corria veloz, esmagando as margens. Nada que lhe causasse espanto. Carregava mil memórias do Rio, de todos os dias, da alegria à tragédia. Não era a tempestade que lhe turvava o olhar. Era a praga. Voltou-se lentamente para o marido.

– Esta chuva vai dar cabo do que faltava. Não fica uma uva nas cepas.

– Há muito tempo que não vinha trovoadas em Agosto.

Deixou-se cair no canapé. O vestido negro fazia-a ainda mais franzina, embora não se reconhecessem os setenta e tal anos intensamente vividos.

– Que vai ser desta gente, Francisco? Parece que Deus nos voltou as costas ou que nos quer castigar pelos pecados dos outros.

Francisco Silva Torres sorriu, condescendente.

– A filoxera não é uma praga vinda dos céus.

– Então veio das profundezas do Inferno!

Ergueu-se e havia irritação na voz de Antónia Ferreira. A silhueta magra recortada na luz discreta da sala empertigou-se ainda mais.

– Há anos que vivemos nesta loucura. Morrem as vinhas, morrem as cepas, morrem os bacelos, morre gente esfomeada por todo este vale abaixo e, como se não bastasse tanto luto, tragédia tão grande, chegam estas trovoadas para destruir as uvas que restam. Raios!

Deu um murro na mesa e a sala iluminou-se por instantes para logo ser sacudida pela violência do trovão.

Ficaram os dois em silêncio e a chuva forte parecia ter dedos que tamborilavam contra os vidros das janelas. Francisco fez um gesto de desalento.

– Estou cansado desta luta. Temos tentado tudo, mas o malvado do insecto resiste a todos os tratamentos. Centenas de contos em enxofre, centenas de contos em sulfureto, para nada. As vinhas acima do Corgo são mortórios atrás de mortórios. Nem uma parra, nem um bago de uva. Os vinhedos do rio Torto acabaram e a destruição alastra pelo Tua. Não sei o que fazer, Antónia. Ninguém sabe o que há-de fazer. Parece que chegámos ao fim dos tempos.

– Destruídos por um insecto? Nunca! – O grito de Ferreirinha chamou a atenção da criada, que entrou pressurosa.

– Precisa de alguma coisa, minha senhora?

– Não, nada. Estou a falar com o meu marido. Sai daqui!

Voltou-se para Silva Torres.

– Nunca, Francisco! Não vou permitir que um insecto, um insecto ordinário e vulgar, destrua o trabalho de tanta gente, aquilo que tantos homens e mulheres fizeram por esta terra. Há demasiado sofrimento espalhado pelas encostas do Rio, são milhões de pedras e de canseiras que fazem a história dos nossos vinhos. E tantos mortos, Francisco! E tanta vida feita e desfeita para que este chão fizesse sentido. Juro-te por Deus. Não vou deixar que um reles insecto continue a destruir as vinhas e a roer-nos a alma. Antes de matar o Douro, tem de dar cabo de mim.

Saiu determinada. Furiosa. Talvez por isso não tenha percebido o cansaço e a palidez no rosto de Silva Torres. Na verdade, o desalento do homem que ajudara a construir o império dos Ferreira era apenas um sintoma da doença que há muito tempo lhe roía a saúde, tão persistente como a filoxera que roía a alma das cepas.

Dizia-se que tudo começara nas Gouvinhas. Pelo menos foi a conclusão a que chegou a primeira comissão designada pelo Governo, e presidida por Rodrigo Morais Soares, depois de terem estudado a praga em dezenas de quintas de Sabrosa

a São João da Pesqueira. O dono da Quinta dos Montes importara vinha americana, que chegara contaminada com a filoxera. Conforme se foi adaptando às condições naturais do Alto Douro, multiplicou-se e expandiu-se pelas terras vizinhas, cercando a Galafura, galgando o rio Ceira e atingindo o Castedo.

Nos inícios de 1872, uma década depois da chegada da filoxera, a devastação crescia, correndo agora pelas margens do vinho do Porto. Valença e Ventozelo, Sarzedinho e por aí acima ao longo do rio Torto, o exército de parasitas sugava o tutano das vinhas e o garrote de miséria asfixiava de fome lugares e aldeias inteiras. A morte partira do Corgo e ameaçava agora os vinhedos do Tua.

É verdade que a maior parte do grande império da Ferreirinha, feito de quintas e vinhedos avulsos, ainda pouco fora tocado pelo dedo do demónio. Mas era preciso conhecê-la para se perceber a raiva que lhe ia no peito. E no peito albergava-se o Douro inteiro. Ali, na Régua, ainda menina, calcando os passos do pai, José Bernardo, aprendeu que, mais do que na riqueza abastada da família, tinha a sua fonte maior na generosidade.

– A fortuna não se mede pelos hectares de vinha nem pelas pipas de vinho – costumava dizer José Bernardo. – Não fará sentido e desaparecerá se os homens que as tratam não tiverem um pingão de esperança!

Quando o pai morreu, tinha Antónia quarenta e dois anos, ouviu de Guilhermino de Barros, no discurso fúnebre que este então proferiu, a mensagem que ela continuara pela vida fora: «Não fez derramar lágrimas como os heróis e conquistadores – estancou-as. Que o digam os milhares de pobres a quem socorria.» E bem sabia como era verdade aquilo que se proclamava diante da sepultura do homem que mais amou.

Agora, trinta anos depois desse dia, a morte chegava ao sangue da sua terra sob a forma de insecto.

Silva Torres entrou. Sabia que a mulher se refugiava sempre naquele quarto e ficava defronte da janela a olhar as ribanceiras da Quinta do Seixo e o Rio, que em vagas descia, vindo do Pinhão a caminho da Régua, quando os problemas

tumultuavam no seu peito sem solução à vista. Aproximou-se e afagou-lhe o ombro.

– Estás bem?

– Estou. Respondeu com secura.

– Tenho de partir. Esperam-me em Vila Real para um encontro com os nossos deputados.

– Eu sei.

– Dali vou para o Porto. A gente da Clode & Baker espera-me por causa das encomendas para Inglaterra.

– Francisco...

– Sim?

– Desculpa-me por ter sido áspera. É com a vida que estou zangada.

– Não estarás a ser injusta?

– Dói-me tanto a tragédia que nos calhou. Há tanta miséria por este vale...

Francisco sorriu, condescendente.

– Sempre viveste com força os problemas dos outros e sempre te admirei por isso. Não é agora, que estamos a ficar velhos, que te vou pedir que mudes de feitio.

– E estou preocupada contigo. Vejo-te demasiado abatido, triste.

– É apenas cansaço. Estou bem.

Antónia aproximou-se do marido, agarrou-lhe as mãos e olhou-o com ternura.

– Não sei como seria a minha vida sem ti.

Silva Torres sorriu.

– Teria sido igual ou melhor ainda. És a cepa mais rija que o Douro pôs cá fora. O rochedo mais firme do Marão.

O rosto dela iluminou-se.

– Sou demasiado fraca e pequenina para ser aquilo que tu dizes. Até me chamam a Ferreirinha.

Riu divertido.

– Está enganada, dona Antónia Adelaide. O povo chama-te Ferreirinha porque te ama e sabe que te preocupas como se fosses a mãe de toda a gente. Vou indo.

Beijou-lhe a testa. Antónia abraçou-o e ficou aconchegada no seu peito.

– Tem cuidado contigo. Estou preocupada com a tua saúde.

Abraçou-a com força e gargalhou:

– Estou demasiado velho para também queres ser minha mãe! – Mudou de tom para avisar: – Amanhã almoço com o visconde de Vila Maior, a quem o Governo nomeou para a nova comissão que está a tratar da praga. Se tiver boas notícias, mando alguém avisar-te.

Francisco saiu e Antónia voltou à janela para o ver partir pela alameda da Quinta do Porto acima. A chuva parara e a terra lavada do aguaceiro despertava, quente, devolvendo o calor que recebera durante todo o Verão.

Silva Torres era o seu segundo marido. Tinham casado em Londres, quando fugira com a filha Maria da Assunção, para não se submeter aos caprichos do duque de Saldanha. Desde então, fora o companheiro e amigo com quem contara para transformar a empresa A. A. Ferreira numa das mais poderosas fortunas do reino.

A criada bateu à porta.

– Minha senhora.

– O que foi, Maria?

– O senhor António Claro acabou de chegar.

Olhou-a, surpreendida.

– O António Claro? Aqui?

Saiu apressada. O administrador dos escritórios no Porto era um homem corpulento, de olhos negros, serenos, e voz grave. Tirava a capa quando Antónia Ferreira entrou na sala.

– Como está, senhora dona Antónia?

– Que aconteceu, António? Passou-se alguma coisa com o meu filho?

– Não, acho que não. Não vejo o senhor António Bernardo há algumas semanas. Dizem-me que está em Paris.

Fez um gesto de irritação.

– Era melhor que cuidasse da sua vida em vez de andar em passeatas. Mas, para teres vindo do Porto, alguma coisa aconteceu.

António Claro pôs em cima da mesa vários exemplares do *Jornal do Porto* e do *Arquivo Rural*.

– As notícias que chegam da Régua puseram Vila Nova de Gaia e a Rua dos Ingleses em pé de guerra.

– Por causa da praga.

– Não se fala de outra coisa.

Antónia folheou os jornais. Sucediã-se as notícias sobre a filoxera e a ruína dos vinhedos do Corgo. Levantou o olhar para o seu homem de confiança.

– Os exportadores querem baixar os preços?!

– Não sei como vamos aguentar, dona Antónia.

– Não permitindo que façam chantagem connosco. Se baixarem os preços, os desgraçados que estão com a corda na garganta vão ficar na ruína completa.

– O problema é outro. Se ninguém encontrar uma cura para esta praga, não faltará muito tempo para que o Douro seja um enorme mortório donde não sai um almude de vinho.

– Não aceito esse destino.

– Oxalá pudéssemos evitá-lo, senhora.

Antónia Ferreira ficou em silêncio. O sol entrava agora pela janela e as araucárias brilhavam. O chilreio da passada anunciava o fim da tempestade e o Verão retomava o caminho pelos campos. Só o Rio estava mais grosso e forte do que era habitual nesta época do ano.

Fora também num dia semelhante àquele, depois de uma trovoada, que de Paris chegou a notícia da morte do seu primeiro marido, com as estranhas carcomidas pela sífilis. O conde de Bonfim telegrafara informando Antónia, que, em vez de chorar, sentiu desprezo por quem consumira a vida inteira até aos trinta e dois anos. António Bernardo Ferreira esbanjara dinheiro e prazeres vivendo a festa dos sentidos até aos limites das forças. Nunca deixou de acreditar que a morte do marido e primo começou no dia em que abandonou a Régua para tomar a cidade do Porto por sua mãe legítima. Trocou a alma pelo vício, a memória dos afectos mais limpos pela vertigem da futilidade.

Agora, depois de outras trovoadas, da cidade que o matara chegavam notícias dos mercadores ingleses que queriam assassinar a sua raiz.

– Se baixarem os preços, vai ser o fim. O Douro não pode lutar contra a praga e a especulação ao mesmo tempo.

António Claro abriu os braços num gesto de vencido.

– Acho que está na hora de salvarmos os dedos porque não vamos conseguir ficar com os anéis.

– O que queres dizer com isso?

– Por mais que lhe custe, é capaz de ter chegado a hora de vender as suas quintas. Pelo menos aquelas que estão doentes. Os preços de compra estão a baixar e irão baixar ainda mais conforme a filoxera for avançando por essas encostas fora. As reservas de vinho que temos chegam e sobram para ganhar tempo até que a praga se vá embora.

Antónia não conseguiu responder logo. Deixou-se cair, pensativa, numa cadeira. Há muitos anos que António Claro era um dos seus homens de maior confiança, o amigo dedicado e fiel com quem podia partilhar todas as angústias da vida.

– Não há outro caminho?

– Talvez haja, mas não o conheço.

Pegou num dos folhetos que ele trouxera da cidade. *O Novo Flagelo das Vinhas – Philoxera Vastatrix*. Assinava-o José Duarte de Oliveira Júnior. Desde miúda, quando acompanhava o pai pelas vinhas das Nogueiras, de Travassos, do Vesúvio, que a aflição com as pragas era aflição de todos os anos. Sobretudo o oídio e o míldio. Depois de muitas batalhas, a calda de enxofre tornara-se remédio milagroso que, se não acabava com as doenças, pelo menos espantava-as durante algum tempo. Mas agora era diferente. O maldito bicho instalava-se nas cepas, multiplicando-se por milhões que entravam como legiões, destruindo hectares e hectares de vinhedos. Ali mesmo, na Quinta do Porto, a comissão científica nomeada pelo Governo fazia experiências com inúmeros antídotos: cal, cloreto de potássio, adubos de todas as qualidades tinham sido testados. O sulfureto de carbono parecia ser a arma mais potente contra tão formidável inimigo, mas não chegava. O insecto era a maldição dos infernos.

Por fim, Antónia Ferreira falou para António Claro.